

LINGUASAGEM

CERTEZAS SOBRE A AÇÃO DA POLÍCIA MILITAR, O BAILE FUNK E SEUS FREQUENTADORES EM PARAISÓPOLIS

Helton Menézio Urtado ROCHA¹

Resumo

Este artigo analisa a construção do efeito de certeza nos sentidos sobre a ação da polícia militar, o baile funk e seus frequentadores em um vídeo e comentários a esse vídeo, que noticia a morte de nove jovens durante ação da polícia militar na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019 na favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde acontecia um baile funk. A ação da polícia militar foi condenada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos; no entanto, a maioria dos comentários ao vídeo-notícia apóia a ação. O vídeo é feito para o jornal O Globo e está publicado no YouTube.

Palavras-chave: certeza; polícia militar; baile funk; enunciação; sentido

Abstract

This paper analyzes the construction of the effect of certainty in the meanings on the action of the military police, the funk dance and its regulars in a video and comments on this video, which reports the death of nine young people during the action of the military police at dawn on the 1st December 2019 in the Paraisópolis slum, in Sao Paulo, where a funk dance took place. The military police action was condemned by the Inter-American Commission on Human Rights; however, most comments on the video news support the action. The video is made for the newspaper O Globo and it is published on YouTube.

Keywords: certainty; military police; funk dance; enunciation; meaning

Meu filho foi assassinado.

Maria Cristina Silva, mãe de Denys Quirino²

Eles [PMs] foram realmente na maldade para ninguém conseguir correr. Eu ouvi tiros e vi muita gente pisoteada. Inclusive vi um policial dando uma garrafada em uma pessoa no meio da confusão. Eles fecharam as saídas das ruas e saíram espancando. Foi uma covardia.

Relato de uma testemunha³

Infelizmente, as duas epígrafes acima representam um modo de dizer que tem se tornado cotidiano no Brasil. Elas são exemplos daquilo que Modesto (2018, p. 17) chama de “formas de denúncia no social”: são “denúncias do cotidiano, muitas vezes

¹ Mestrando em Linguística (IEL/UNICAMP). E-mail: helton.menezio@gmail.com

² Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/12/meu-filho-foi-assassinado-diz-mae-de-jovem-morto-em-baile-de-paraisopolis.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/oito-pessoas-morrem-pisoteadas-em-baile-funk-de-paraisopolis-diz-policia.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

corriqueiras e, ainda assim, escamoteadas sobretudo quando provenientes dos grupos sociais projetados à margem, subalternizados e invisibilizados” (MODESTO, 2018, p. 19).

A primeira epígrafe é uma fala da mãe de Denys Quirino, um dos nove jovens mortos durante a ação da polícia militar em um baile funk de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, no dia 1º de dezembro de 2019. Ela nos mostra o funcionamento do político na linguagem (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). Maria Cristina Silva toma a palavra como mãe e, a partir desse lugar social, mobiliza um enunciador individual. Para ela, a causa da morte de seu filho não foi um “triste episódio”, como qualificou o acontecimento policial o governador de São Paulo, João Dória⁴. Ao dizer que seu filho foi assassinado, Maria Cristina Silva fala também a partir da posição de denunciante e responsabiliza os policiais militares envolvidos na ação pela morte de seu filho, apontando a necessidade de punir quem cometeu esse crime.

Já a segunda epígrafe é a fala de uma jovem de 17 anos, que pediu ao jornal Folha de S. Paulo para não ter o seu nome revelado, não nos sendo difícil imaginar por quê. Enunciativamente, a jovem toma a palavra como locutor-testemunha e apóia o seu dizer em um enunciador individual. Discursivamente, ela fala a partir da posição de denunciante. De acordo com ela, os policiais militares “foram *realmente* na maldade para ninguém conseguir correr”. O modalizador epistêmico ‘realmente’ marca como certeza a ação violenta da polícia militar. Essa certeza não é fruto da crença de quem fala; ela se baseia na experiência dolorosa de quem sobreviveu à violência relatada. O *operador argumentativo* (DUCROT, 1989) ‘inclusive’ estabelece uma *classe argumentativa* (DUCROT, 1973) entre os enunciados “Eu ouvi tiros e vi muita gente pisoteada” e “Vi um policial dando uma garrafada em uma pessoa no meio da confusão”. Se os tiros disparados pelos policiais militares e as pessoas pisoteadas, devido à ação desses mesmos agentes do Estado (que, vale destacar, “fecharam as saídas das ruas e saíram espancando”), constituem uma violência grave, a garrafada dada por um policial militar em uma pessoa constitui, enquanto evidência de uma ação que não poderia ser cometida por um militar a trabalho, uma violência mais grave ainda.

⁴ O governador de São Paulo, João Dória (PSDB), em manifestação em uma rede social, lamentou “profundamente as mortes” e determinou ao “Secretário de Segurança Pública, General Campos, a apuração rigorosa dos fatos para esclarecer quais foram as circunstâncias e responsabilidades deste triste episódio”. Disponível em: <<https://twitter.com/jdoriajr/status/1201163682597818368>>. Acesso em: 9 jan. 2020. De acordo com o jornal Folha de S. Paulo, Dória, três anos atrás, “definiu os pancadões como um ‘cancro que destrói a sociedade’”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/oito-pessoas-morrem-pisoteadas-em-baile-funk-de-paraisopolis-diz-policia.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

Ao ler o testemunho, podemos imaginar o medo da jovem de 17 anos: se o seu nome for revelado, o que lhe pode acontecer, uma vez que os policiais militares agiram, segundo o seu relato aponta, com violência e arbitrariedade?

Neste artigo, a partir da articulação da Semântica da Enunciação com a Análise de Discurso, vamos tomar como *corpus* um vídeo do jornal O Globo sobre uma controversa ação da polícia militar que aconteceu em Paraisópolis na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019 e três comentários a esse vídeo feitos por internautas no YouTube. De um lado, vamos considerar as diferentes materialidades significantes (LAGAZZI, 2012) do vídeo na construção da certeza de que a polícia militar agiu com violência, sendo responsável pela morte dos nove jovens; de outro, vamos considerar, nos três comentários, os mecanismos enunciativos e discursivos mobilizados na construção da certeza de que o baile funk é um evento onde atos ilegais e imorais acontecem, o que justifica, segundo esses três comentários, a ação violenta da polícia militar. A noção de materialidade significativa é tomada de Lagazzi, que a compreende como uma “cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual...) fica exposta à produção de significações” (LAGAZZI, 2012, p. 1). A análise possui como questão a ser compreendida o litígio político da tensão polissêmica e propõe a articulação dos dois conceitos de político desenvolvidos na Análise de Discurso e na Semântica do Acontecimento. Na Análise de Discurso, o político “diz respeito às divisões interdiscursivas, isto é, àquelas que concernem às relações entre o dizer e sua constituição ideológica, pela inscrição na memória interdiscursiva” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 41). Por sua vez, o político, na Semântica do Acontecimento, “diz respeito às divisões enunciativas na configuração do dizer, isto é, àquelas concernentes às representações dos sujeitos e aos gestos de afirmação de pertencimento desses sujeitos em relação a um objeto de dizer” (*id.*, *ibid.*, p. 41-42). De modo mais específico, a fim de compreendermos de que modo a divisão política expõe a fragilidade das certezas significadas e como cada uma delas se sustenta discursivamente, vamos observar a “relação entre o nível enunciativo (na terminologia da AD, o da formulação) e o interdiscurso (na terminologia da AD, o da constituição) do dizer” (*id.*, *ibid.*, p. 45).

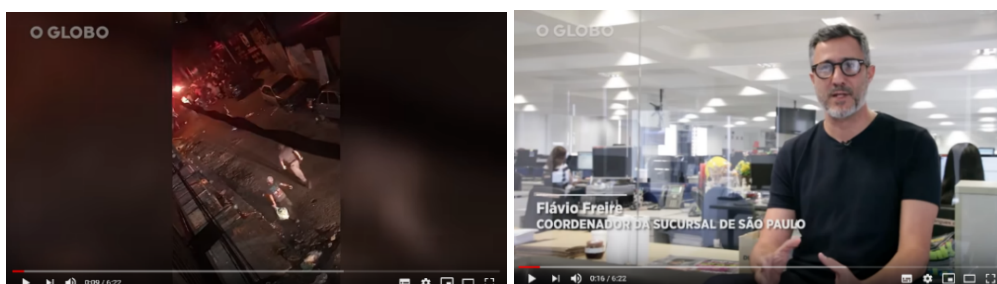
O vídeo do jornal O Globo

Analisemos o vídeo do jornal O Globo. Intitulado “Paraisópolis: como 9 jovens morreram durante ação da PM em baile funk”, ele está publicado no YouTube⁵ e, segundo essa plataforma, “pode ser impróprio para alguns usuários”. Abaixo do vídeo ainda podemos ler a descrição:

- (1) (a) Nove jovens, com idades entre 14 e 23 anos, morreram pisoteados durante ação da Polícia Militar em um baile funk na favela de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo.
(b) Moradores acusam os policiais de encurralar frequentadores.

De saída, podemos notar em (1) o distanciamento entre o dizer do jornal e o dos moradores. Esse distanciamento é mobilizado pelo discurso indireto no enunciado (1b), cujo efeito de sentido é o de atribuição aos moradores de Paraisópolis da acusação sobre a ação violenta dos policiais militares. Sobre *moradores* se projeta um enunciador coletivo distinto do jornal, que enuncia a partir de uma posição de neutralidade. Uma paráfrase poderia ser: “Segundo moradores de Paraisópolis, os policiais militares, ao encurralarem os frequentadores do baile funk, agiram com violência, causando a morte de nove jovens por pisoteamento”.

Vejamos, agora, duas imagens do início do vídeo e a transcrição do que nele é dito. Chamamos atenção para o fato de que o telejornalismo é um ritual de linguagem (PIMENTEL, 2008) e que “não há ritual sem falhas” (PÊCHEUX, 1975, p. 277). No vídeo, encontramos inicialmente a palavra ‘tragédia’, empregada pelo apresentador Flávio Freire para designar o que aconteceu durante a ação da polícia militar, e encontramos também as palavras ‘chacina’ e ‘extermínio’, atribuídas respectivamente à mãe de um dos nove jovens mortos (com quem o apresentador, aliás, se identifica) e aos moradores de Paraisópolis. A essa divisão de sentidos se liga aquela entre as palavras ‘favela’ e ‘comunidade’, empregadas alternadamente no vídeo pelo apresentador.



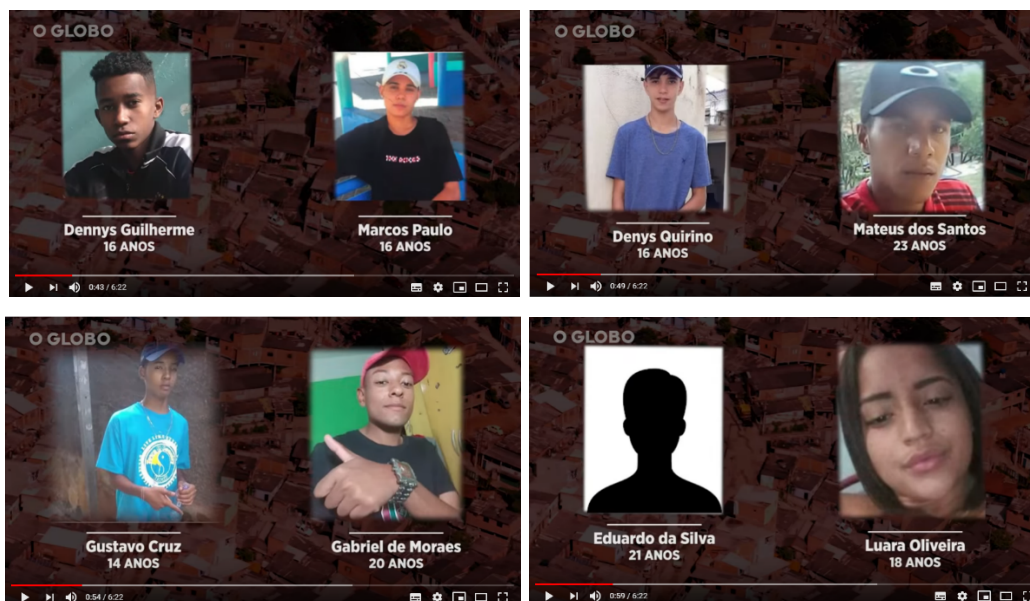
Figuras 1 e 2 - Fotogramas do vídeo do jornal O Globo no YouTube

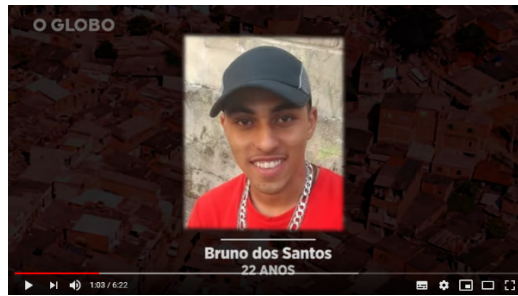
Uma tragédia se abateu em São Paulo na madrugada deste domingo, mais precisamente na favela de Paraisópolis, onde acontecia um baile funk. **Segundo a polícia e os**

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xWkm5hQx814>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

moradores e as pessoas que trabalham naquela comunidade, mais de cinco mil pessoas frequentavam o baile no momento em que aconteceu um grande tumulto, um grande tumulto provocado, **segundo testemunhas**, por ação da polícia, que chegou lá jogando bombas, atirando balas de borracha e com isso provocou a morte de nove pessoas.

Aqui, como podemos notar, há dois distanciamentos. No primeiro, temos, de um lado, o dizer do locutor-jornalista e, de outro, o da polícia, dos moradores e de quem trabalha em Paraisópolis. Segundo o relato jornalístico, polícia, moradores e quem trabalha naquela comunidade concordam quanto ao número de pessoas que “frequentavam o baile no momento em que aconteceu um grande tumulto”. Em seguida, temos um distanciamento entre o dizer do locutor-jornalista e o das testemunhas. O enunciado “[...] um grande tumulto provocado, segundo testemunhas, por ação da polícia, que chegou lá jogando bombas, atirando balas de borracha e com isso provocou a morte de nove pessoas...” estabelece um distanciamento entre o dizer do locutor-jornalista e o das testemunhas. O efeito de sentido segundo o qual a polícia militar agiu com violência é atribuído a um conjunto de locutores sobre os quais se projeta um enunciador coletivo, não ao locutor-jornalista, que, ao mobilizar a expressão ‘segundo testemunhas’, enuncia a partir de uma posição de neutralidade. Nesse momento, o vídeo nos mostra as nove pessoas mortas. Ao som da música instrumental “Mind Over Matter”, de Chelsea McGough, percebemos que as vítimas eram, em sua maioria, negras, além de muito jovens:





Figuras 3, 4, 5, 6 e 7 – Fotogramas do vídeo do jornal O Globo no YouTube

Essas imagens significam a certeza dos nove jovens mortos, sua juventude e a negritude da maioria deles. Mais adiante, podemos notar um distanciamento entre o dizer do locutor-jornalista e o da polícia, que se contrapõe ao dos moradores, estabelecendo uma divisão de sentidos. Dito de outro modo, encontramos aqui uma divisão de sentidos sobre a polícia, o que nos permite afirmar que o vídeo do jornal O Globo, falando a partir de uma posição de neutralidade, expõe dizeres que se contrapõem como um discurso polêmico, onde a “verdade é disputada pelos interlocutores” (ORLANDI, 1983, p. 155). Vejamos de perto como isso se dá:

[...] a polícia, **por sua vez**, disse que chegou no local atendendo uma ocorrência e quando chegou lá foi recebida à bala por duas pessoas que estavam numa moto. Essa versão é contestada pelos moradores, que dizem que não, que nada disso teria acontecido.

A expressão ‘por sua vez’ marca um contra-argumento da polícia militar, que, segundo sua própria versão, “foi recebida à bala por duas pessoas que estavam numa moto”. Em seguida, essa versão “é contestada pelos moradores, que dizem que não, que nada disso teria acontecido”. Diante dessa divisão política de sentidos, podemos dizer que o vídeo do jornal O Globo questiona a credibilidade da polícia, na medida em que ele mostra as cenas de violência e dá voz, por meio do discurso indireto, àqueles que as vivenciaram. Na imbricação entre a imagem e o dizer, os enunciados atribuídos aos que trabalham e aos que moram em Paraisópolis produzem o efeito de verdade da informação da notícia. Vejamos um outro exemplo:



Figuras 8 e 9 - Fotogramas do vídeo do jornal O Globo no YouTube

[...] nós conversamos com alguns familiares que estavam tanto no IML ao longo de todo o domingo, também no 89 DP, onde tá sendo feita né... onde tá sendo concentrada a investigação. Conversamos também com a mãe do Denys Quirino, menino de 16 anos, e essa mãe foi **muito assertiva** ao dizer que, **pra ela**, aquilo que aconteceu no domingo não foi um pisoteamento que provocou a morte daquelas pessoas, mas sim uma chacina, **nas palavras dela**, porque ela... **segundo ela**... pelo que ela viu do corpo, das roupas, não havia nenhum sinal evidente de que o filho dela havia sido pisoteado.

Com o qualificativo ‘muito assertiva’, o locutor-jornalista valida a fala da mãe de Denys Quirino, um dos nove jovens mortos durante a ação da polícia militar. Ao longo desse recorte, o vídeo nos mostra a polícia militar batendo em várias pessoas encurraladas numa viela. Escutamos gritos e pancadas de cassetete. Mais uma vez, o efeito de sentido aqui é o de certeza sobre a ação violenta da polícia militar. A análise nos permite ver que, na divisão política dos sentidos, o dizer do locutor-jornalista, ao empregar o qualificativo ‘muito assertiva’, indica um direcionamento argumentativo e uma tomada de posição oposta à verdade significada pelo dizer da polícia militar.

Na próxima secção, vamos analisar três comentários a respeito do vídeo do jornal O Globo. Neles, interessa-nos observar os mecanismos enunciativos e discursivos mobilizados na construção de certezas inquestionáveis sobre o baile funk e seus frequentadores, certezas essas que justificam a ação violenta da polícia militar. Para complementar a análise, vamos retomar uma parte do fragmento acima e analisar, no dizer atribuído pelo locutor-jornalista à mãe de Denys Quirino, os mecanismos enunciativos e discursivos na construção da certeza sobre a ação violenta da polícia militar.

Os comentários no YouTube

Até o momento, há 2.028 comentários⁶ no YouTube a respeito do vídeo do jornal O Globo. Eles se caracterizam da seguinte forma: há comentários sobre o jornal, sobre o funk, sobre o baile funk, sobre seus frequentadores, sobre os nove jovens mortos, sobre a ação da polícia militar e sobre mais de um desses itens juntos. Os comentários mais recentes datam do dia 10 de janeiro de 2020; os mais antigos, de um mês atrás. Abaixo, trazemos três comentários:

A) Essa voz de solidariedade desse repórter, me irrita. Hôôô cidadão!!!! De que lado você está? Do lado das pessoas de bem, que sofrem com essa baderna, recheada de muita droga,

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xWKm5hQx8I4>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

muita bebida alcoólica, prostituição, enfim, tudo que não presta, ou está do lado dessa corja toda? Esses nove, não teriam morrido se, não estivessem no meio desse antro. Eu gostaria muito de cumprimentar cada polícia, e dar os meus parabéns, cumpriram com o seu dever, e fizeram o que devia ser feito. No meu entender não só baile funk, mas até mesmo a produção desse estilo de música no país devia ser banido por lei. Viva a polícia!!!! 🇧🇷🇧🇷. Viva a todo cidadão de bem!!!!, E abaixo aos baderneiros, capachos dos traficantes, e abaixo a imprensa sensacionalista!!!!

B) Bem feito, trabalhadores querendo dormir e esses marginais na droga e tráfico! De menores onde estão os responsáveis, devido a hora? / Estavam rezando? / Na igreja? / Usam drogas, zombam da polícia, não respeita moradores e ainda são vitimas, pais virou uma zona mesmo, leva esse baile funk pra Globo seus bosta!!!

C) E aí Globo lixo, o povo já despertou, sabemos que neste momento cidadão de bem estava trabalhando ou descansando para logo mais iniciar a nova e penosa jornada de trabalho. Cadê as motos e carros roubados que são os troféus da bandidagem, ninguém filmou??

Inicialmente, queremos chamar a atenção para a relação entre os enunciados questionáveis como certezas inquestionáveis sobre o baile funk e seus frequentadores e o questionamento das certezas oriundas do vídeo do jornal O Globo. Podemos perceber que esses dois tipos de enunciados se dão a partir da polarização ideológica, que divide os sujeitos sob o modo da exclusão lógica binária⁷. Em outras palavras, a enunciação desses comentários apaga o fato de que a criminalização do funk é “permeada pela arbitrariedade policial” (CYMROT, 2011, p. 12), que atinge uma parcela da população predominantemente negra e pobre.

No comentário A, por exemplo, temos, de um lado, as “pessoas de bem”, o “cidadão de bem”, e, de outro, a “corja toda”, os “baderneiros”, os “capachos dos traficantes”. A pergunta “De que lado você está?” explicita a divisão de sujeitos, que rememora divisões comuns na polarização ideológica presente em nossa sociedade, como aquela entre “cidadãos de bem” e cidadãos que não são de bem (aqui os “baderneiros, capachos dos traficantes”, os que frequentam o baile funk). Essa rememoração diz respeito ao passado do acontecimento, que recorta um memorável de enunciações (GUIMARÃES, 2002).

Considerando, agora, a cena enunciativa um “espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 23), podemos ver que, no comentário A, o Locutor toma a palavra como locutor-internauta e mobiliza dois enunciadores, um individual e outro coletivo, pois em (2)

(2) Essa voz de solidariedade desse repórter, me irrita.

⁷ Conferir o artigo de Sheila Elias de Oliveira neste número.

temos um enunciador individual, que associa o dizer a um indivíduo. Já em (3)

(3) Hôô cidadão!!!! De que lado você está? Do lado das pessoas de bem, que sofrem com essa baderna, recheada de muita droga, muita bebida alcoólica, prostituição, enfim, tudo que não presta, ou está do lado dessa corja toda?

temos um enunciador coletivo com o qual o locutor-internauta se identifica, pois ele se inclui na coletividade dos cidadãos de bem e é como tal que ele toma a palavra. Isso nos permite parafrasear (3) por (3a):

(3a) Nós cidadãos de bem sofremos com o baile funk, pois ele é uma baderna recheada com muita droga, muita bebida alcoólica e prostituição, enfim, tudo o que não presta.

Além disso, podemos ver em (3) que “baderna, recheada de muita droga, muita bebida alcoólica, prostituição” reescritura por expansão “baile funk”, produzindo o sentido de uma especificação, e “enfim, tudo que não presta” reescritura por condensação “baderna, recheada de muita droga, muita bebida alcoólica, prostituição”, produzindo o sentido de uma totalização. Por reescrituração, entendemos o procedimento que “consiste em se redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2009, p. 53). Podemos ainda ver em (3) que “baderna, recheada de muita droga, muita bebida alcoólica, prostituição, enfim, tudo que não presta” é apresentado como uma certeza inquestionável sobre o baile funk e seus frequentadores. Essa certeza se dá por meio do encaixe sintático entre “Do lado das pessoas de bem” e “[,] que sofrem com essa baderna, recheada de muita droga, muita bebida alcoólica, prostituição, enfim, tudo que não presta”. Dito de outro modo, ela se dá por meio do pré-construído, “uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (PÊCHEUX, 1975, p. 89).

Avançando na análise, o locutor-internauta, em seguida, mobiliza um enunciador individual e se identifica com cada policial, que, segundo ele, “cumpriram [sic] com o seu dever, e fizeram [sic] o que devia ser feito”:

(4) Eu gostaria muito de cumprimentar cada policia,l e dar os meus parabéns, cumpriram com o seu dever, e fizeram o que devia ser feito.

Aqui, podemos ver que o político, de fato, constitui um “conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 16), pois, se a ação da polícia militar, de acordo com o dizer do locutor-internauta, no enunciado (4), é considerada um dever que

devia ser cumprido, merecendo ser parabenizada, essa mesma ação é considerada uma “chacina” pela mãe de Denys Quirino, como podemos ver em (5):

(5) Conversamos também com a mãe do Denys Quirino, menino de 16 anos, e essa mãe foi muito assertiva ao dizer que, pra ela, aquilo que aconteceu no domingo não foi um pisoteamento que provocou a morte daquelas pessoas, mas sim uma chacina, nas palavras dela, porque ela... segundo ela... pelo que ela viu do corpo, das roupas, não havia nenhum sinal evidente de que o filho dela havia sido pisoteado.

Enunciativamente, em (5) o Locutor, enquanto origem do seu dizer, toma a palavra como locutor-jornalista e mobiliza um enunciador coletivo, distanciando-se do dizer da mãe de Denys Quirino, sobre quem se projeta um enunciador individual. Discursivamente, o locutor-jornalista fala a partir da posição de neutralidade, enquanto a mãe de Denys Quirino fala a partir da posição de denunciante. Já em (4), o locutor-internauta fala a partir de uma posição conservadora. Dito de outro modo, a polícia militar, para o locutor-internauta, cumpriu o seu dever, enquanto que, para o locutor-mãe, ela cometeu uma chacina.

Por sua vez, no comentário B, a polarização ideológica continua a dividir os sujeitos sob o modo da exclusão lógica binária, pois o baile funk significa o espaço dos “marginais”, que usam drogas e traficam, enquanto os “trabalhadores” querem dormir. O Locutor toma a palavra como locutor-internauta e mobiliza um enunciador genérico. Ele fala a partir de uma posição ideológica conservadora atravessada pelo discurso religioso. O enunciado “De menores [,] onde estão os responsáveis, devido a hora? / Estavam rezando? / Na igreja?” recorta dois memoráveis, a saber: 1) o de que os pais são responsáveis pelos filhos menores de idade e não devem permitir que eles saiam à noite e fiquem até de madrugada na rua; e 2) o de que o baile funk é um lugar perigoso frequentado por pessoas más, ao contrário da igreja, que é um lugar seguro frequentado por pessoas boas. O enunciado “Bem feito” sobre a morte dos nove jovens, logo no início do comentário B, se dá a partir dessa polarização ideológica, que faz com que o locutor-internauta concorde com a morte dos nove jovens, pois, se eles estavam em um baile funk, não eram, de acordo com a posição sustentada, pessoas boas e por isso mereceram morrer. Ao operar aqui sob a exclusão lógica binária, a polarização ideológica não apenas impede o diálogo: ela nega ao outro o direito à vida. Para o locutor-internauta do comentário B, quem frequenta baile funk não é filho ou filha, não é cidadão ou cidadã, não é estudante, não é trabalhador ou trabalhadora; é, em oposição a ele, “marginal”, por isso merece morrer.

Finalmente, no comentário C, o Locutor toma a palavra como locutor-internauta e mobiliza um enunciador genérico. Assim como afirma Wittgenstein (1969) a respeito das frases afirmativas iniciadas com *eu sei*, o enunciado “[nós] sabemos que neste momento [ação da polícia militar durante a realização do baile funk na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019] cidadão de bem estava trabalhando ou descansando para logo mais iniciar a nova e penosa jornada de trabalho” aparenta nos garantir como fato o que nos é apresentado como um saber genérico, que funciona sob o modo do “todo mundo sabe”. Tomado na sua evidência, esse enunciado nos faz esquecer de que não basta afirmar [nós] *sabemos* para que o saber apresentado como fato seja verdadeiro. Contudo, é justamente esse o efeito de sentido sobre o baile funk e seus frequentadores! Mais especificamente, a enunciação do comentário C produz o efeito de certeza sobre o baile funk como um lugar frequentado pela “bandidagem”, que mostra seus “troféus”, isto é, suas “motos e carros roubados”. Ele traz também a implicação de que o baile funk não é frequentado por trabalhador. Sendo assim, “cidadão de bem” não frequenta baile funk, pois ou trabalha ou descansa no momento em que ele acontece. Mais uma vez, a polarização ideológica divide os sujeitos sob o modo da exclusão lógica binária. O locutor-internauta fala a partir de uma posição ideológica conservadora atravessada pelo discurso que opõe a grande mídia ao povo, composto apenas de trabalhadores e bandidos. Poderíamos aqui nos perguntar: “E quem procura trabalho, mas não o acha?”, “O pobre não tem direito à diversão?” Em nenhum momento o desemprego e o direito à diversão são mencionados, pois eles são silenciados. Trata-se aqui do silêncio constitutivo, que “pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem” (ORLANDI, 1992, p. 73). De acordo com esse conceito, “uma palavra apaga necessariamente ‘outras’ palavras” (*id.*, *ibid.*, p. 24).

Como podemos ver na análise dos três comentários, o conflito político estabelece uma divisão do real sobre a polícia militar, o baile funk e seus frequentadores; e a polarização ideológica divide os sujeitos sob a exclusão lógica binária.

Considerações finais

No vídeo do jornal O Globo, encontramos uma divisão de sentidos sobre a polícia militar. De um lado, isso se dá pela contraposição entre o dizer dos moradores, das testemunhas, da mãe de Denys Quirino e da própria polícia militar; de outro, se dá pela imbricação das imagens, sons e gestos, que produzem um direcionamento

argumentativo oposto à certeza significada pelo dizer da polícia militar. Embora haja um distanciamento entre os dizeres presentes no vídeo, este produz o efeito de certeza sobre a ação violenta da polícia militar em Paraisópolis, durante a realização de um baile funk.

Nos três comentários analisados, tanto os enunciados questionáveis como certezas inquestionáveis sobre a ação da polícia militar, o baile funk e seus frequentadores quanto o questionamento das certezas oriundas do vídeo do jornal O Globo se dão a partir da polarização ideológica, que divide os sujeitos sob o modo da exclusão lógica binária e apaga o fato de que a criminalização do funk é seletiva, pois ela atinge uma determinada parcela da população negra e pobre, sendo, por isso, também racista. De acordo com esses dois tipos de enunciados, a sociedade se divide em “trabalhadores”, em “pessoas de bem”, de um lado, e em “baderneiros”, em “marginais”, de outro. O baile funk é significado como o lugar dos “baderneiros” e “marginais”, o que justifica a ação violenta da polícia militar.

Se no vídeo do jornal O Globo o político diz respeito à “afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos”, tal como ele é caracterizado por Guimarães (2002, p. 16), nos três comentários analisados, o político, parafraseando novamente Guimarães (2002, p. 17), diz respeito à “contradição que instala este conflito no centro do dizer”.

REFERÊNCIAS

- CYMROT, Danilo. (2011) **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. Dissertação de mestrado. USP.
- DUCROT, Oswald. (1973) “As escalas argumentativas”. In: **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981, pp. 178-228.
- DUCROT, Oswald. (1989) “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. In: GUIMARÃES, Eduardo. (Org.) **História e sentido na linguagem**. 2. edição aumentada. Campinas, SP: Pontes, 2008, pp. 13-38.
- ELIAS DE OLIVEIRA, Sheila. (2014) “Sobre o funcionamento do político na linguagem”. Campinas, SP: **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, nº 34, jul./dez., pp. 41-53.
- GUIMARÃES, Eduardo. (2002) **Semântica do Acontecimento**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. (2009) “A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido”. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 51(1). Campinas, IEL, Unicamp, pp. 49-68, jan./jul.

LAGAZZI, Suzy. (2012) “A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes”. In: **Encontro Nacional da Anpoll**, 23, 2008, Goiânia, GO. Resumo expandido, p. 1-3. Disponível em: <<http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

MODESTO, Rogério. (2018) “**Você matou meu filho**” e outros gritos: um estudo das formas da denúncia. Tese de doutorado. Unicamp.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1983) “Tipologia de discurso e regras conversacionais”. In: **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001, pp. 149-175.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1992) **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. (2008) **Versões de um ritual de linguagem telejornalístico**. Tese de doutorado. Unicamp.

WITTGENSTEIN, Ludwig. (1969) **Da certeza**. Lisboa: Edições 70.

Submetido em: 16/02/2020.

Aprovado em: 16/06/2020.

Como referenciar este artigo:

ROCHA, Helton Menézio Urtado. Certezas sobre a ação da polícia militar, o baile funk e seus frequentadores em Paraisópolis. **revista Linguagem**, São Carlos, v.34, Número Temático, jan./jun. 2020, p. 102-114.